

A SÁTIRA IX DE JUVENAL: O HOMOEROTISMO EM ROMA

Cinthyia Sousa Machado (UFRJ)ⁱ

O gênero satírico tem como função censurar os vícios dos homens, o que lhe confere um caráter educacional, uma vez que visa indicar um modo de vida a ser seguido. Juvenal é considerado o último grande satírico romano, tendo composto cinco livros de sátiras que totalizam 16 poemas. Nelas censurou, às vezes, acidamente, os vícios da época e também abordou a questão da moral.

Nosso estudo tem como *corpus* a sátira IX do Livro III, em que são feitas críticas ao comportamento sexual dos homens. Pretende-se fazer uma análise do referido texto, com o fito de apontar quais são os vícios combatidos pela *persona* satírica, com atenção em especial às relações homoeróticas masculinas.

Juvenal utiliza três tópicos de sua *indignatio* ao longo de sua obra, a saber: o dinheiro, o sexo e os estrangeiros. Várias são as sátiras que abordam a perversão sexual e, entre elas, destaca-se a IX contra a degradação sexual dos homens, mais especificadamente, sobre o homoerotismo.

Antes de nos atermos ao texto, é necessário explicitar alguns aspectos da sociedade romana daquela época no que diz respeito às relações homossexuais masculinas.

Ao contrário da tradição grega, em que a pederastia era lícita, em Roma o amor ou relação entre homens livres era repudiado. Esta censura não era causada pela igualdade dos sexos, mas pela função que cada um exercia nela. André (2006, p. 176) nos esclarece esta peculiaridade: “a distinção era entre exercer na relação sexual uma função activa ou uma função passiva ou, por outra, para usar uma linguagem mais explícita, a diferença entre ser sujeito ou ser objecto da penetração.”

O fato de um homem livre romano não poder exercer a função passiva em uma relação sexual emitia um valor social sobre ele. Em Roma, sexo tinha a ver com dominação, com poder, logo ser dominado não era aceito, a não ser que fossem estrangeiros ou escravos. Um cidadão romano só poderia ser agente, não submetido. Quanto a este fato, é imprescindível saber o que diz Grimal (1991, p. 119):

o homem podia contrair “essa mácula de sangue”ⁱⁱ – quando renunciava à sua função viril e, como mulher, submetia-se ao desejo de outro homem. Isso levanta todo o problema da pederastia. Quanto a ela, a moral romana era severa, diferentemente dos costumes gregos.

Feitos estes esclarecimentos sobre a pederastia em Roma, fica claro qual será a origem da *indignatio* usada por Juvenal em sua sátira IX: ele não critica a relação homoerótica, mas a função passiva exercida pelo cidadão romano no sexo.

Comentários

35

O gênero satírico ocupa-se em censurar os vícios humanos, como foi dito anteriormente; em nosso *corpus*, o autor critica, principalmente, dois: o sexo e o dinheiro. Eles caminham juntos, consoante afirmam Martin e Gaillard (1990, p. 392): “*sexe et argent étant du reste inséparables.*” É evidente que um deles, em nosso texto, sobressai-se: o sexo. Tendo desferido críticas às mulheres quanto ao sexo na sátira sexta, Juvenal ateu-se aos homens na sátira nona, que totaliza 150 versos. Esta é um diálogo entre o autor e um pederasta ativo, Névolos.

Scire uelim quare totiens mihi, Naeuole, tristis
occurras, fronte obducta ceu Marsya uictus.
Quid tibi, cum uultu, qualem deprensus habebat
Rauola, dum Rhodopes uda terit inguina barba?
Nos colaphum incutimus lambenti crustula seruo.
Non erit hac facie miserabilior Crepereius (1-6)ⁱⁱⁱ

*Quisera eu saber, ó Névolos, porque tu te aproximas, triste, de mim
tantas vezes, com a fronte franzida assim como Mársias, vencido.
O que há contigo com este semblante, tal qual o possuía Ravola quando
surpreendido, enquanto esfregava as virilhas de Ródope com a barba úmida?
Damos uma bofetada no servo que lambe o doce.
Não será mais miserável do que esta face a de Crepereio Poliã^{iv}*

Nosso texto é iniciado com Névolos sendo interpelado. O sujeito-satírico parece estranhar a brusca mudança física e de ânimo deste *puer*^v. Por isso, logo o compara a outros três homens para especificar seu estado anímico: com cara de derrotado (*uictus*), como Mársias, no verso 2; embaraçado (*deprensus*), como Ravola, no verso 3; miserável (*miserabilior*), tal Crepereio, no verso 6. Percebemos, que o eu-satírico utiliza uma gradação crescente, ou seja, ascende de uma característica ruim para uma pior.

Omnia nunc contra, uultus grauis, horrida siccae
silua comae, nullus tota nitor in cute, qualem
Bruttia praestabat calidi tibi fascia uisci,
sed fruticante pilo neglecta et squalida crura. (12-15)

*Agora tudo está em oposição; o rosto carregado, selva eriçada
de cabelos secos, nenhum brilho em toda pele,*

*que te sustentava a faixa de Brútia do visgo quente,
mas com as pernas ásperas e descuidadas com vasto pelo.*

(...). Igítur flexisse uideris
propositum et uitae contrarius ire priori. (20-21)

(...). *Portanto, parece que tu
mudaste de propósito e segues contrário à vida primeira.*

Em seguida, a descrição de Névolos se detém ao seu péssimo aspecto físico, quanto ao cabelo, rosto, pele, pernas. Isto nos sugere que o *puer* devia ser vaidoso, em outro tempo, portanto causa estranheza ele não estar bem tratado. Constatando estes fatos, o eu-satírico afirma, ironicamente, que Névolos preferiu mudar o rumo de sua vida, pois, outrora, ele era um devasso bastante conhecido que seduzia homens e mulheres.

Vtile et hoc multis uitae genus, at mihi nullum
inde operae pretium. Pingues aliquando lacernas,
munimenta togae, duri crassique coloris
et male percussas textoris pectine Galli
accipimus, tenue argentum uenaeque secundae.
Fata regunt homines fatum est et partibus illis
quas sinus abscondit. Nam si tibi sidera cessant,
nil faciet longi mensura incognita nerui,
quamuis te nudum spumanti Virro labello
uiderit et blandae adsidue densaeque tabellae [sollicitent] (27-36)

*Este gênero de vida é útil para muitos, mas daí meu trabalho
não tem nenhum prêmio. Algumas vezes, recebo as capas espessas,
proteção da toga, de cor lamacenta e desagradável
e mal tocadas por um pente de um tecelão gaulês,
e pequena prata de mineral de segunda qualidade.
O destino rege os homens e àquelas partes, que parte da roupa esconde,
há destino. Pois se os astros desistem de ti,
nada fará a medida ignorada do teu longo membro,
ainda que Virrão com o lábio espumante tenha-te visto nu
e que assiduamente solicitem cartinhas meigas e profundas*

Tomando a palavra, o *puer* reclama de sua condição de vida: relata que, apesar de sua grande qualidade física quanto ao membro sexual, seu patrono Virrão é um avarento e ainda que, para ele, este tipo de vida não tem sido recompensado, ao contrário do que acontece com outros.

Quod tamen ulterius monstrum quam mollis auarus?
"haec tribui, deinde illa dedi, mox plura tulisti."
Computat, et ceuet. Ponatur calculus, adsint
cum tabula pueri; numeras sestertia quinque
omnibus in rebus, numerentur deinde labores.

An facile et pronum est agere intra uiscera penem
legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
Seruus erit minus ille miser qui foderit agrum,
quam dominum; sed tu sane tenerum et puerum te
et pulchrum et dignum cyatho caeloque putabas. (38-47)

*Como, porém, há monstro em mais demasia do que um efeminado avarento?
“Concedi isto, depois dei aquilo, logo tu levaste muito mais coisas.”
Conta-se e move-se. Que seja posta a pedra, que cheguem
os meninos com a mesa; tu contas cinco sestércios em todas as coisas;
que meus trabalhos sejam contados depois.
Acaso é fácil e justo empurrar entre as entranhas
um pênis inclinado e lá encontrar o jantar de ontem?
Será menos miserável aquele escravo que cavará o campo
do que o dono; mas tu te consideravas seguramente um menino
tanto tenro quanto belo e digno de taça e de céu.*

37

É curioso notar que o próprio *puer* reconhece, no verso 38, que não há pior coisa do que ser um efeminado e um avarento. A partir deste trecho, fica evidente que não é Névolo que assume a função passiva da relação sexual. Dessa forma, até ele sente-se superior ao patrono. Ainda desmerecendo seu amante, ele fala do esforço tido para satisfazê-lo e como isso, além de injusto, é desagradável. É digno de nota que a *persona* satírica censura os vícios de Névolo quanto ao dinheiro, já que este se prostitui para se manter, e de Virrão, quanto ao sexo, por ser passivo; e Névolo, por sua vez, critica a avareza de seu amante.

Dic, passer, cui tot montis, tot praedia seruas
Apula, tot miluos intra tua pascua lassos? (54-55)

*Dize, rodovalho, a quem tantos montes, tantos bens da Apúlia conservas,
tantos milhanos cansados no interior dos teus pastos?*

Nos versos 54 e 55, *puer*, também *indignans*, critica o patrono, que, embora possua muitos bens, é mesquinho e incapaz de presentear o amante. E Virrão ainda se aborrece, quando o *puer* pede por seu pagamento.

Verum ut dissimules, ut mittas cetera, quanto
meritis pretio, quod ni tibi deditus essem
deotusque cliens, uxor tua uirgo maneret?
Scis certe quibus ista modis, quam saepe rogaris
et quae pollicitus. Fugientem saepe puellam
amplexu rapui; tabulas quoque ruperat et iam
signabat; tota uix hoc ego nocte redemi
te plorante foris; testis mihi lectulus et tu,
ad quem peruenit lecti sonus et dominae uox.
Instabile ac dirimi coeptum et iam paene solutum
coniugium in multis domibus seruauit adulter. (70- 80)

Que tu dissimules na verdade, que envies vários outros, quanto valor aos meus méritos, porque se não tivesse me dedicado a ti eu, cliente devoto, tua esposa permaneceria virgem? Tu sabes certamente essas más coisas com que modos, quão frequentemente é pedido por ti e o que foi prometido por ti. Muitas vezes, arrebatei com abraços a menina esgueirando-se; também tinha quebrado as mesas e já a marcava; apenas durante toda uma noite a recompensei, e tu chorando lá fora; meu leito é testemunha e tu, para quem o som da cama e a voz da “domina” alcançam. O adúltero salvou, em muitas casas, uma união instável e começada a se desfazer e já quase desunida. Para onde te voltarás?

A partir do verso 70, o amante indignado relembra outros favores prestados: Névolo também é responsável por cumprir o papel de *uir* para a esposa do efeminado. É graças a ele, que o casamento é mantido, uma vez que Virrão se mostra impotente. Névolo, adúltero, deixa claro que são dele os filhos da *domina* e, se o efeminado passa-se por *uir*, este mérito também é do *puer*. Além de afastar os boatos sobre a passividade sexual de Virrão, o adúltero também favorece financeiramente o amante, uma vez que, devido à lei de Augusto, os bens de sucessão só eram concedidos aos herdeiros que possuíssem filhos. Assim, são três os préstimos do amante: satisfazer o efeminado; salvar o casamento dele e manter a herança dele. Também nesta sequência, há uma gradação crescente de favores prestados.

(...). *Iusta doloris,*
Naeuole, causa tui; contra tamen ille quid adfert?
'Neclegit atque alium bipedem sibi quaerit asellum.
haec soli commissa tibi celare memento
et, tacitus, nostras intra te fige querellas;
nam res mortifera est inimicus pumice leuis;
qui modo secretum commiserat, ardet et odit,
tamquam prodiderim quidquid scio. Sumere ferrum,
fuste aperire caput, candelam adponere ualuis (90-98)

(...). *Iusta causa,*
ó Névolo, de tua dor; porém, contra que coisa ele alega?
“Desprezou-me e, para si, outro burrinho bípede procura.
Lembra-te de ocultar estas confidências feitas a ti, único,
e, calado, segura dentro de ti nossos queixumes;
pois uma coisa mortífera é o inimigo vaidoso pela pedra pomes;
recentemente o que me confiara em segredo arde e é odiado,
como se eu tivesse exposto tudo aquilo que sei. Não hesita
em tomar o ferro, abrir a cabeça com o bastão, pôr fogo a uma casa.

No verso 90, a *persona* satírica é mais uma vez irônica ao dizer serem justas as queixas do pederasta e interpela-o para saber qual é a reação do efeminado sobre estes queixumes.

Tendo sido desprezado, o *puer* utiliza uma expressão digno de nota, *alium bipedem asellum*, no verso 92. O próprio Névolo ao dizer que o amante procura outro burrinho bípede, quer dizer que também é um asno. Percebe-se, por isso, uma caracterização, a partir de uma transferência metafórica, de uma qualidade animal para um humano. Ou seja, até Névolo sabe de sua irracionalidade a ter este tipo de relação, embora sua irracionalidade se deva ao mau pagamento efetuado de seus préstimos. No verso 95, o pederasta adverte o eu-satírico de como é perigoso revelar o segredo que lhe confia, pois os efeminados são pessoas bastante vingativas.

O sujeito-satírico, depois de ouvir estas reclamações, afirma que não há segredo que possa ser mantido, quando se trata de pessoas ricas. Mesmo que os efeminados dissimulem e tentem esconder suas preferências sexuais, será impossível conter os boatos, a fofoca sobre sua vida se espalhará antes mesmo que ele perceba.

uiuendum recte, cum propter plurima tunc uel
idcirco ut possis linguam contemnere serui. (118-119)

*Deve-se viver retamente, ora por causa de várias coisas,
ora para, por esta razão, conter sobretudo a língua do escravo.*

No verso 118, finalmente a *persona* satírica é clara quanto aos seus conselhos: deve-se viver retamente. Por várias razões, mas, sobretudo, vivendo de forma virtuosa, não haverá motivos para ser difamado por escravos. Aqui é feita uma crítica aos escravos que, por vingança ou despeito, tentam prejudicar seus donos.

Ne trepida, numquam pathicus tibi derit amicus
stantibus et saluis his collibus; undique ad illos
conuenient et carpentis et nauibus omnes
qui digito scalpunt uno caput. Altera maior
spes superest, tu tantum erucis inprime dentem. (130-134)

*Não temas, nunca faltará para ti um amigo lascivo
nestas colinas que se mantêm em pé e estão a salvo: chegam
de todos os lugares para aqueles tanto em carros quanto em navios
todos os que raspam a cabeça com um só dedo. Outra esperança
maior resta; finca tu somente o dente nas erucas.*

Névolo acredita que o conselho do eu-satírico é demasiado tardio, pois agora velho ele quer saber o que poderia fazer para melhorar sua vida. Nesse instante, a *persona* satírica faz sua última crítica: aos estrangeiros. Não é explícita esta referência, contudo, ao usar o verbo *conuenient*, verso 132, é indicado que os possíveis parceiros lascivos ao *puer* vêm de outras partes, que não Roma. Portanto, podemos subentender uma possível culpa por parte dos estrangeiros para a corrupção dos romanos quanto à devassidão sexual nas relações homoeróticas masculinas.

Em todo momento, também a partir de ironias, são desferidas críticas envolvendo todas as três temáticas as quais Juvenal censura: lascividade sexual; estrangeiros; dinheiro. Névolo prostitui-se pelo dinheiro, a partir do sexo homoerótico, o qual pode ter sido corrompido pelos estrangeiros. Nesta sátira, estas três temáticas podem ser tomadas como indissolúveis.

Ainda podemos destacar na fala de Névolo a seguinte linguagem sexual: *nerui* (v. 34), *mollis* (v. 38); *penem* (v. 43); *foderit* (v. 45); *morbo*^{vi} (v. 49); *lumbos* (v. 59); *amplexu* (v.75). Esta escolha vocabular demonstra o tom coloquial para a fala do pederasta.

Por fim, podemos exemplificar, num quadro, os vícios inferidos tanto de Névolo quanto de Virrão, são eles:

Virrão	Névolo
avareza	indignação injusta
vaidade	covardia
impudência	impudência/ luxúria
ingratidão	cobiça
	irascibilidade
	inveja

Ao longo de nossa análise, procurou-se relacionar os principais vícios combatidos por Juvenal, dos quais destacamos o sexo, o dinheiro e os estrangeiros.

Na sátira IX, a *persona* satírica utiliza-se de dois pederastas para exemplificar os vícios e, a partir deles, evitá-los. O sujeito satírico inicia um diálogo com Névolo, famoso fornicador, e, sem fazer-lhe críticas diretas, utiliza-se da ironia para demonstrar ao leitor os vícios. Dando voz a Névolo, Juvenal pôde introduzir, se me é lícito dizer, uma segunda *persona* satírica, pois o pederasta tece críticas a Virrão, seu patrono. Dessa forma,

percebemos, nesta sátira, dois alvos específicos às censuras: o que se prostitui por dinheiro e o que assume função sexual passiva.

Por fim, concluímos que Juvenal adverte sobre vários vícios a serem evitados. Ficou claro também que é feita uma censura não à relação homossexual masculina, mas à função passiva na relação. O sexo é criticado, neste sentido, quanto à figura de Virrão, e quanto a Névolos por se utilizar do sexo para obter dinheiro.

Referências

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Caminhos do amor em Roma. Sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a. C.* Lisboa: Cotovia, 2006.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CITRONI, Mario. Musa pedestre. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea (Org.). *O espaço literário da Roma antiga.* Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Muora. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 329-360.

CLIMENT, M. B. *Sintaxis latina.* 10. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano.* Trad. Graziela Rodriguez. Rio de Janeiro: Record; Rosas dos Tempos, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Os motivos da sátira romana.* Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português.* Rio de Janeiro: MEC, 1962.

GAFFIOT, Félix. *Le grand Gaffiot dictionnaire latin/français.* Paris: Hachette, 2000.

GRIMAL, Pierre et alii. *Gramática latina.* São Paulo: Edusp, 1986.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma.* Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HANSEN, João Adolfo. Anatomia da sátira. In: VIEIRA, Brunno V. G.; THAMOS, Márcio (Orgs.). *Permanência clássica. Visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana.* São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-169.

JUVENAL. *Sátiras.* Introducción, traducción y notas de Roberto Heredia Correa. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1974.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

MARTINS, Paulo. *Literatura latina*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

RAMBACH, Carolus. *Thesaurus eroticus linguae latinae*. Stuttgart: Typis Hasselbrinkianis, 1833.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

SILVA, Marilda Evangelista dos Santos. Juvenal: aspectos temáticos e estilísticos. *Calíope - Presença clássica*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 135-152, dez. 2001.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Edições Marânus, 1945.

TOVAR, Rosario Cortés. La sátira. In: MERINO, Carmen Codoñer (org). *História de la literatura latina*. Madrid: Ed. Cátedra, 2007, p. 71-81.

TOVAR, Rosario Cortés. Sátira. In: MERINO, Carmen Codoñer (org). *História de la literatura latina*. Madrid: Ed. Cátedra, 2007, p. 401-419.

ⁱ Doutoranda em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ⁱⁱ A mácula de sangue citada diz respeito ao *stuprum*, quando havia uma relação sexual ilegítima no tocante à função passiva.

ⁱⁱⁱ Texto latino retirado da edição de Roberto Heredia Correa (1975).

^{iv} Tradução de nossa autoria.

^v Apesar de, em nossa tradução, termos utilizado menino para a palavra latina *puer*, faz-se necessário esclarecer que, consoante Cuatrecasas (1993, p. 186), *puer* é utilizado numa linguagem erótica para se referir ao prostituto.

^{vi} Conforme verificado em *Thesaurus eroticus linguae latinae*, 1833.